

## **História & Representação: um olhar conquistador no cinema**

Pepita de Souza Afiune<sup>1</sup>

**RESUMO:** O cinema vislumbrado em seu processo dialético de produção e consumo pode ser uma poderosa ferramenta didática nas mãos do educador. Há certo desejo em encontrar nos filmes algo fiel à historiografia existente sobre determinado assunto, mas o diretor do filme não é um historiador e a produção cinematográfica exige elementos que sejam atrativos ao público devido a uma série de fatores como a preocupação com o sucesso de bilheteria. Assim são criados os estereótipos pelo cinema. Para discutir esse desafio foi realizada uma pesquisa de campo em escolas da rede particular e rede pública do ensino básico, no sentido de diagnosticar de que forma os docentes e discentes se posicionam em relação aos estereótipos difundidos pelos filmes. Desta forma, é de suma importância para o docente manter-se em constante aperfeiçoamento diante desta ferramenta, para incluí-la em seu contexto educacional com a perspectiva de desenvolver o senso crítico do discente.

**Palavras-chave:** cinema, escola, história.

### **History & Representation: a conqueror look at cinema**

**ABSTRACT:** The movie glimpsed in its dialectical process of production and consumption can be a powerful teaching tool in the hands of the educator. There are certain desire to find something in the movies faithful to existing historiography of the issue, but the director of the film is not a historian and film production requires elements that are attractive to the public due to a number of factors such as concern for the blockbuster. So the stereotypes are created by cinema. To discuss about this challenge, we conducted a field survey in schools in the private and public primary education, in order to diagnose how teachers and students are positioned in relation to stereotypes spread by movies. Thus, it is of paramount importance for the teacher to keep constantly improving on this tool, to include it in their educational context with a view to developing the critical thinking of students.

**Keywords:** movies, school, history.

## **INTRODUÇÃO**

O cinema representa atualmente uma das indústrias mais lucrativas na atualidade. Está presente na vida dos discentes não apenas nos momentos de entretenimento, como também na sala de aula, como ferramenta didática.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado na Universidade Estadual de Goiás. Pós-Graduada em Tecnologias em EAD pela Universidade Cidade de São Paulo. Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás. pepita\_af@hotmail.com.

Encontramos uma gama de produções contemporâneas que atraem espectadores e representam para os professores um recurso auxiliar em suas aulas.

Cabe a esta pesquisa analisar de que forma essa ferramenta está sendo utilizada na realidade das escolas públicas e privadas durante as aulas de História. De que forma professores e alunos a encaram? Sabemos que é necessário todo um cuidado metodológico e teórico para explorar essa fonte.

Baseamo-nos em teóricos que defendem a utilização do filme como documento. Marc Ferro (2004) teórico pioneiro da análise das relações cinema-história realiza a leitura histórica do filme, levando em conta o período no qual o filme foi produzido bem como as influências externas que possivelmente influenciaram-no.

Aliada à base teórica, utilizamos pesquisas de campo em escolas da rede pública e estadual analisando, aplicando entrevistas a professores e alunos, juntamente com a nossa própria experiência docente. Dentro das informações tratadas, verificamos como essa ferramenta está sendo trabalhada nas escolas e assim, contribuiremos com discussões e reflexões a respeito.

Surgiram alguns questionamentos: O cinema atualmente, por ser um veículo de entretenimento, pode ditar valores, ideias e comportamento na sociedade? De que forma isto ocorre? Como esta metodologia está sendo desenvolvida nas escolas da rede básica de ensino? E os alunos, o que pensam sobre essa prática? Os mesmos tomam estes filmes como referenciais do seu conhecimento histórico?

Foi estabelecida em 1928, em uma reforma do ensino que trata o cinema como uma nova e importante ferramenta didática.

O cinema será utilizado exclusivamente como instrumento de educação e como auxiliar de ensino que facilite ação do mestre sem substituí-lo. [...] A Diretoria Geral de Instrução Pública orientará e procurará desenvolver por todas as formas, e mediante ação direta dos inspetores escolares, o movimento em favor do cinema educativo. (Instituto Nacional de Cinema Educativo apud FRANCO, 2004, p. 21)

A utilização do cinema na educação na atualidade tem aumentado significativamente.

O filme é um recurso rico, lúdico, interessante. Os alunos que temos fazem parte de uma geração eminentemente visual e tecnológica, como nos dizem alguns estudiosos do assunto. Já nasceram com televisores, aparelhos de som, telefones, computadores, videocassetes, celulares e DVDs por perto. É algo que não podemos desprezar. [...] Há clareza entre a maioria dos educadores do potencial da ferramenta e também de como a tecnologia evoluiu para o que temos hoje, com equipamentos portáteis e de fácil manuseio no contexto escolar

atual. [...] O cinema, especificamente, transmite ideias através de diálogos, interpretação dos atores, figurinos, cenários, locações, músicas, efeitos sonoros, efeitos visuais... É muita riqueza, merece a nossa atenção, concede argumentos, abre espaço para debates, mexe com os sentimentos dos espectadores... Não dá para desprezar esse enorme potencial [...] (MACHADO, 2000).

O professor de história, portanto, deve trabalhar estes conteúdos de forma crítica para que o aluno possa adquirir um novo olhar diante dos filmes.

Pretendemos levantar discussões sobre a necessidade de se desenvolver metodologias diversificadas em sala de aula e despertar nos alunos a capacidade de interpretar imagens e falas no desmembramento de uma obra cinematográfica visando captar estereótipos.

Devemos lembrar que o filme exerce influência em quem assiste. Mas, há também uma relação dialética, pois, o diretor do filme procura colocar em seu conteúdo, aspectos que podem estimular a atenção para públicos específicos.

## **O CINEMA NA ESCOLA**

De acordo com Alves e Nova (2002) a educação e a comunicação atualmente possuem uma grande conexão, as tecnologias de informação e comunicação como cinema, internet, televisão, etc, estão presentes cada vez mais na vida das pessoas. Dentro deste cenário de várias transformações sociais, iniciaram-se várias discussões acadêmicas, gerando muitas produções pautadas nessas questões relacionadas a tecnologias e educação.

É momento de repensar os próprios conceitos de educação e tecnologia, repensando as formas pedagógicas tradicionais que até hoje são realizadas dentro das salas de aula. A tecnologia representa uma inovação nestas pedagogias.

Para Tosta e Melo (2008) como fruto do progresso tecnológico, o encontro entre o campo da educação e da comunicação se mostra cada vez mais necessário.

Graças à variedade de gêneros, de temas, de estéticas, o filme pode ser utilizado para os mais diversos fins, onde os valores atribuídos nos filmes podem ser analisados, promovendo uma interação e um enriquecimento teórico e prático.

## **CINEMA & HISTÓRIA**

Os filmes são desta forma nossos objetos de estudo e serão metodologicamente utilizados como documentos. Baseamo-nos em determinados teóricos os quais defendem a eficácia ou a utilidade do uso do filme como documento. Para Nova:

Qualquer reflexão sobre a relação cinema-história toma como verdadeira a premissa de que todo filme é um documento, desde que corresponde a um vestígio de um acontecimento que teve existência no passado, seja ele imediato ou remoto. [...] O filme, seja qual for, desde então, passou a ser encarado enquanto testemunho da sociedade que o produziu, como um reflexo – não direto e mecânico – das ideologias, dos costumes e das mentalidades coletivas. (NOVA, 1998, p. 01)

A partir da década de setenta, o filme começou a ser admitido como um documento. Esse movimento provém de um processo de nascimento da História Nova e o desenvolvimento da Escola dos Annales.

[...] empreender a análise de filmes, de fragmentos de filmes, de temas, levando em conta, segundo a necessidade, o saber e o modo de abordagem das diferentes ciências humanas, não poderia bastar. É necessário aplicar esses métodos a cada substância do filme, (imagens, imagens sonoras, imagens não sonorizadas), às relações entre os componentes dessas substâncias; analisar o filme principalmente a narrativa, o cenário, o texto, as relações do filme com o que não é o filme; o autor, a produção, o público, a crítica, o regime. Pode-se assim esperar compreender não somente a obra como também a realidade que representa. (FERRO, p. 203, 1976)

O filme é testemunho do contexto de sua época. A sociedade exerce influência no processo de produção, bem como a bagagem cultural dos próprios produtores do filme. As condições financeiras disponíveis para a realização da produção cinematográfica e a censura também exercem significativa influência no processo de produção.

De acordo com Nova:

É bom salientar que, se a sociedade exerce influência sobre a produção cinematográfica, a recíproca também é verdadeira. A ação exercida pelo cinema nos espectadores é um fato inquestionável, não obstante ainda não se tenha chegado a um consenso quanto ao seu grau de ação. Ter consciência desse mecanismo é fundamental para o trabalho analítico, visto que boa parte do conteúdo do filme, sobretudo no cinema dito comercial, é ditada pelos gostos e pelas expectativas do público os quais, por sua vez são influenciados pelos filmes, numa relação altamente dialética. Cabe, então, ao pesquisador, buscar, detectar e diferenciar esses elementos. (NOVA, 1998, p. 03)

Portanto, há certo desejo em ver nos filmes algo fiel à historiografia existente sobre determinado assunto, mas não devemos esquecer que o diretor do filme não é um historiador e a produção cinematográfica exige elementos que sejam atrativos ao público. Por isso, “é impossível julgar uma película histórica com as normas que regem um texto, já que cada meio tem seus próprios e necessários elementos de representação”. (ROSENSTONE, 1998, p.112)

O cinema pode e deve se utilizado pelo historiador como fonte documental, esse novo campo não se constitui como algo melhor ou pior que nenhuma outra fonte existente e bem aceita entre os historiadores. É claro, assim como as demais fontes, o cinema possui suas limitações e tem sua própria forma de verificação que cabe ao historiador se inteirar, procurando conhecer suas regras para poder melhor utilizá-lo. (PINTO, p. 7, 2004)

Enfim, para que o filme possa ser analisado de forma crítica e utilizado como fonte histórica, há um modelo proposto por Langer (2004) no qual existem cinco etapas: 1º- definição do objeto e tema de pesquisa, 2º- seleção do filme, verificando o valor comercial que o mesmo possui, 3º - crítica externa, momento em que se realiza a análise do cartaz, da biografia do diretor, comparação da obra com produções anteriores do mesmo diretor, 4º - crítica interna, momento da análise que leva em conta detalhes importantes da produção: cenário, diálogos, figurino, estereótipos, público-alvo, receptividade do público, críticas e conteúdo inconsciente que eventualmente pode estar presente e 5º - realizar uma análise do filme relacionando-o com o contexto histórico na qual o mesmo está inserido.

## **PESQUISA DE CAMPO – O CINEMA NAS ESCOLAS PÚBLICAS & PRIVADAS**

A pesquisa de campo foi realizada com uma abordagem qualitativa. Foi realizado, neste momento, o contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada. A pesquisa qualitativa, segundo Ludke e André (1986), trabalha com a coleta de dados obtidos no contato do pesquisador com a realidade a ser pesquisada, sob uma perspectiva de retratar a visão dos participantes.

A coleta de dados foi realizada através de aplicação de questionários e observação direta das atividades na cidade de Anápolis, Goiás. Os questionários foram aplicados a professores representantes da disciplina de História. Foram

também realizadas observações de aulas para diagnosticar de que forma os filmes estão sendo aplicados por estes professores.

A pesquisa de campo foi realizada em cinco escolas da rede particular e cinco escolas da rede pública, esta variante inclui as redes municipal e estadual de ensino.

Um questionário que contém cinco questões foi aplicado a professores do ensino fundamental e do ensino médio em cada uma das escolas.

A primeira questão refere-se à formação dos professores, com o objetivo de diagnosticar se os mesmos realizaram cursos de capacitação na área de tecnologias educacionais e se receberam orientações sobre crítica de obras cinematográficas. Diagnosticamos que 70% dos professores da rede particular não receberam orientação específica durante sua graduação quanto ao uso das novas tecnologias no ensino, bem como a crítica de filmes. Apenas um professor alega ter desenvolvido durante a sua graduação, projetos referentes ao trabalho com filmes históricos, pois desenvolveu seu trabalho de conclusão de curso nesta área. Dentre os professores da rede pública entrevistados, 90% não desenvolveram durante a graduação a autonomia quanto ao uso das novas tecnologias no ensino e não conhecem teorias de crítica cinematográfica.

É importante realizar este questionamento à medida que percebe-se que o professor que alegou possuir uma maior capacitação que os demais, realiza em suas aulas críticas de detalhes importantes dos filmes, que muitas vezes passam despercebido pelos demais educadores. Isso mostra uma falta de preparação para lidar com essas ferramentas imagéticas, pelas quais muito se pode extrair no momento de análise, tornando a aula um instrumento para suscitar o senso crítico dos discentes.

A segunda questão busca as informações referentes à atuação profissional de cada professor, a saber, se os mesmos trabalham em rede pública e particular concomitantemente, ou apenas em pública ou particular. Diagnosticamos que uma minoria dos professores atua em ambas as áreas, grupo que pode ser diagnosticado em 15%. Essa questão é importante no sentido de detectar duas realidades distintas pelas quais o professor se depara no seu cotidiano profissional. Pois muitas escolas não possuem aparatos tecnológicos disponíveis e isso se aplica tanto às escolas particulares quanto às públicas.

A terceira questão trata sobre os meios tecnológicos que o professor utiliza como ferramenta didática. Os professores da rede pública afirmaram que na escola há mais de uma televisão, DVDs de boa qualidade, em sala de vídeo reservada para esta única finalidade; laboratório de informática, com computadores antigos, monitores analógicos e de tubo, internet a cabo com conexão lenta, com um projetor disponível para todo o colégio, sendo necessário reservar o dia e horário em que será utilizado. Mas de acordo com as respostas, não são todas as escolas da rede pública que possuem estas mesmas condições. Percebemos dentre as mesmas, que as escolas da rede municipal possuem maior aparato tecnológico do que as escolas das redes estaduais. Quando nos propomos a realizar pesquisa em escolas públicas, devemos incluir neste grupo as instâncias municipal e estadual. Mas não é a proposta desta pesquisa procurar diferenças entre ambas, e sim detectar as diferenças entre a rede pública de forma geral e a rede particular.

Os professores da rede particular contam com um laboratório de informática com boa velocidade de conexão com a internet, computadores novos, com telas de LCD presentes em um laboratório de informática. Contam com uma televisão, um DVD e um projetor para uso de todo o colégio, o que também necessita de reserva prévia para conseguir a sua utilização.

Uma dentre as cinco escolas particulares pesquisadas, possui um computador e um projetor em cada sala de aula, conectados à internet. Sendo assim, uma condição física muito mais favorável. Mas, percebemos que isso existe porque a escola é um polo de uma universidade que oferece cursos de graduação à distância, o que obriga a escola a oferecer uma mínima estrutura para receber os alunos. Estes frequentam a escola uma vez por semana, para assistir às videoconferências, que são ministradas ao vivo. Desta forma, é necessária uma estrutura melhor de computadores para que as aulas aconteçam. Assim, os professores do ensino básico aproveitam desta estrutura da EAD para utilizar também esses aparatos em suas aulas, visto que os horários são distintos. No período matutino, acontecem as aulas da rede básica, e durante o período noturno, acontecem as aulas da universidade que oferece cursos em EAD.

Na quarta questão, entramos especificamente dentro da nossa temática, em relação à atuação dos professores em relação à utilização dos filmes em sua metodologia. Os professores da rede particular e rede pública do ensino

fundamental alegaram que utilizam os filmes de forma a tornar uma aula mais atrativa para os alunos, visto que esta faixa etária tem dificuldades de concentração e interesse pelas aulas. Desta forma, os professores demonstram uma visão de que o filme é um recurso atrativo e lúdico para suas aulas. Concomitantemente, o filme torna-se uma atividade que foge à rotina das aulas e os alunos tomam isso como uma diversão. Falta nesse momento um tratamento mais sistemático destas produções cinematográficas, para que os mesmos sejam explorados de forma a trazer contribuições à visão crítica do aluno.

Já os professores do ensino médio da rede particular, apesar de deparar-se com problemáticas semelhantes, alegaram que tentam trabalhar de forma crítica com os alunos, estimulando os seus olhares de maneira crítica e construtiva. Estes educadores desenvolvem trabalhos de resenhas críticas, confecção de cartazes explicativos e ilustrativos. O professor que possui uma formação mais específica, afirma que realiza análises de filmes em sala de aula, analisando o conteúdo histórico tratado pelo filme, o cartaz, a biografia do diretor, o que nos lembra do modelo proposto por Langer (2004). Os alunos se interessam e trabalham cooperativamente neste trabalho.

A escola da rede pública demonstra uma visão mais lúdica. Tanto por parte de alunos, quanto por parte de professores, é questionada qual é a real importância do filme para a sala de aula. Muitos educadores afirmam que passam atividades de resenha de filmes, para perceber se o aluno de fato esteve atento durante todo o tempo em que o filme foi assistido em sala de aula. Assim apresenta-se uma forma de avaliação alternativa que o educador utiliza, no sentido de uma “fuga” das avaliações tradicionais escritas.

Um professor dentre os entrevistados da rede pública, acredita que o documentário é mais rico didaticamente que o filme.

[...] quando os alunos classificam um filme sob o gênero "educativo", geralmente estão querendo dizer que são pouco divertidos e muito expositivos, paternalistas e desinteressantes, muito diferentes do que lhes oferecem os meios de comunicação fora da escola. (HESKETH & NETO, p. 81, 2009).

Porém, não podemos dizer que o filme é melhor do que o documentário ou vice-versa, pois ambos possuem as suas especificidades. Os documentários sem dúvida representam potente ferramenta didática, como o professor mesmo afirma,



podendo representar uma aula complementar. Mas a priori, precisamos compreender todas as suas implicações e tomar um cuidado teórico-metodológico em seu manuseio.

O documentário é por um lado, um registro científico e por outro lado, uma construção narrativa. Da mesma forma que o filme utiliza recursos como a câmera lenta, trilha sonora e outros efeitos, o documentário também faz uso destas ferramentas, que não são técnicas da ficção e sim, técnicas de cinema, utilizadas por qualquer produção imagética.

O processo de manipular imagens contradiz, evidentemente, o pensamento ou a suposição de que tudo que se assiste em um filme documentário poder ser encarado como verdade. Por isso, a melhor definição de documentário deve ser estabelecida através dos seus elementos constitutivos, que são idênticos aos dos filmes de ficção que, não podendo proporcionar a reprodução da realidade, estabelecem, assim, a sua construção ou interpretação. Essa posição nos conduz, sem dúvida alguma, a afirmar que o documentário pode, perfeitamente, estar mais próximo do filme de ficção do que a suposta realidade que ele traduz. (BRASIL, In: O Olho da História. N. 1, 2007)

A última etapa da pesquisa de campo constituiu na observação de uma aula de cada um dos professores de História que foram entrevistados através de questionário. Um professor da rede particular do ensino fundamental comprometeu-se em realizar uma aula aplicando um filme, para que pudéssemos acompanhar todo o processo didático. Inicialmente, encontramos um problema, em relação à duração dos filmes. O professor dispõe de um tempo curto de aula para aplicar um filme. Percebemos que era inviável aplicar um filme com duração de duas horas. Nesse caso, o professor utilizou o horário de outro professor, causando certos transtornos.

Um professor do ensino médio, da mesma escola, trabalha com edição de filmes, o que torna a aula mais eficiente, conforme sua opinião, mas por outro lado, ele afirma também que muitos professores não possuem o conhecimento de informática suficiente para trabalhar com programas de edições de vídeo. Assim, encontramos mais uma problemática, na formação do professor, que deve sempre manter-se atualizado em relação às novas tecnologias, pois hoje não se pode trabalhar sem as mesmas.

Muitos professores da rede pública consideram trabalhar com o filme apenas passando em sala fragmentos importantes à medida que possam ser discutidos em sala de aula.

Observamos uma aula no 8º ano do ensino fundamental na rede pública de ensino. O tema da aula era “A Independência dos Estados Unidos”. O professor escolheu o filme “*O Patriota*” por ser um filme que trata desta temática de forma extremamente dramática e com cunho ideológico norte-americano.

Os alunos se comoveram e se chocaram com cenas violentas de guerra, com o pai que perde seus filhos por tentar “salvar” a nação norte-americana. O orgulho norte-americano que surge neste momento, apresentado como o “mocinho” da história, tendo como vilões, os ingleses. É mais uma tentativa “hollywoodiana” dicotômica de “mocinho” e “bandido”, em que famílias norte-americanas felizes e bem estruturadas são atingidas por algum estrangeiro.

O professor realizou toda essa explicação aos alunos e solicitou que fosse escrita uma resenha crítica. Tivemos a oportunidade de ler algumas das resenhas escritas pelos alunos, e percebemos que muitos compreenderam essa forma de ideologia norte-americana.

Em dia posterior, uma aula do 3º ano do ensino médio da rede pública foi observada. O professor trabalhou com o filme “*Germinal*”, que trata o panorama econômico e social da França durante o período da revolução industrial. Refere-se ao processo de gestação e maturação de movimentos grevistas e de uma atitude mais ofensiva por parte dos trabalhadores das minas de carvão do século XIX na França em relação à exploração de seus patrões; nesse período alguns países passavam a integrar o conjunto de nações industrializadas ao lado da pioneira Inglaterra, entre os quais a França, palco das ações descritas no romance e representadas no filme.

Depois de passar um fragmento do filme em sala de aula, o professor passou uma atividade com as seguintes questões:

1 – Faça uma comparação entre as imagens presentes no filme do proletariado (operários) e do empresariado (burguesia); 2 – O contexto do filme se assemelha com o que vimos no Brasil na passagem do séc. XIX para o séc. XX? Justifique.

A análise de estereótipos foi promovida pelo educador neste momento, analisando as representações do proletariado e do empresariado, bem como o contexto do filme, relacionando-o à atualidade do Brasil.

Os alunos iniciaram um debate em sala, pois perceberam que esse é um tema a se adequar a questão do nosso país, bem como a problemáticas atuais divulgadas pelos jornais e revistas. É de suma importância o professor estimular o aluno a relacionar os conteúdos históricos com a sua própria realidade, o seu contexto histórico, político e social.

Após estas observações de campo na escola da rede pública, realizamos a análise das aulas na escola da rede particular de ensino. Na série do 9º ano do ensino fundamental, o professor utilizou o filme “Apocalypto”, que apresenta a história de um ameríndio mesoamericano capturado e sua fuga na tentativa de escapar do sacrifício humano promovido por povos vizinhos conquistadores.

O professor abordou a imagem de barbárie e heresia que advém de uma ideologia Cristã, relacionada ao advento da conquista da América, no qual milhares de povos ameríndios (maias e astecas) realizavam práticas religiosas que aos olhos do europeu eram totalmente absurdas e assustadoras. Por ser uma religião politeísta, por praticar rituais de sacrifícios humanos, aos olhos do europeu representava o bárbaro, oposto ao seu conceito de “civilização”. Assim, vemos ainda hoje, no século XXI partículas dessa visão que ainda influenciam na reconstrução do passado desses povos.

Foram discutidos na sala de aula conceitos de “selvagem”, “bárbaro”, e de que forma esses conceitos são criados no sentido de difundir uma ideologia.

Desta forma, percebemos que ambas as realidades (de ensino público e privado) são distintas a começar pelas condições de estrutura física. Todas possuem algum aparato tecnológico, mas, a partir destas pesquisas, muitas vezes as escolas particulares apresentam maiores condições de estrutura, dando mais opções de utilização de computadores ou televisor com aparelho de DVD.

Muitos professores da rede pública utilizam-se dos filmes apenas em fragmentos, o que se mostrou ser uma metodologia de sucesso. Desta forma os mesmos conseguem utilizar o tempo disponível da aula, utilizando-se de aparelhos de TV e DVD, que são recursos disponibilizados de forma facilitada pelas instituições.

Já o professor da rede particular mostra-se mais preparado no sentido de utilizar-se de ferramentas de edição de vídeo e de maior bagagem de preparo teórico para utilizar metodologicamente o filme como ferramenta didática. A

aplicação dos questionários na mesma escola teve sucesso à medida que analisa as imagens do filme fazendo contextualizações.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa de campo nos trouxe indagações quanto à falta de capacitação de muitos professores em relação ao manuseio das novas tecnologias e à crítica de obras cinematográficas.

Sabemos que estes representam uma realidade na vida dos estudantes. Assim, o docente deve se deparar com essa problemática de forma a atingir resultados positivos, estimulando debates, para que o discente tenha uma educação voltada para cidadania crítica.

Uma forma de se utilizar o filme de forma a atingir resultados de sucesso com aproveitamento do tempo de aula, seria fragmentar o vídeo com antecedência, utilizando ferramentas de edição de vídeo ou selecionar de cenas no próprio vídeo no formato de DVD, determinando os minutos de cada cena escolhida.

Após a sessão, é enriquecedor suscitar discussões sobre os símbolos, discursos utilizados, o limite entre o real e o irreal, a percepção da verdade, os estereótipos e personagens. Também deve ser levado em conta a censura, para que tudo seja adaptado para cada faixa etária.

O educador deve implantar essas novas metodologias à medida que garanta o enriquecimento do aprendizado. Para escolher o filme adequado, deve submetê-lo ao seguinte questionamento: “Em que medida este filme contribui para o enriquecimento dos alunos?”, e se os valores contidos na obra são reforços ou contestam ordens estabelecidas socialmente. “O cinema pode ser um instrumento útil e eficaz nas mãos do educador que souber aproveitar-lhe as múltiplas possibilidades”. (CAMPOS, 2006, p.01)

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, L. & NOVA, C. A Comunicação Digital e as Novas Perspectivas para a Educação. In: *1 Encontro da REDECOM*, 2002, Salvador. Disponível em: [http://www.lynn.pro.br/admin/files/lyn\\_artigo/9aadc451f5.pdf](http://www.lynn.pro.br/admin/files/lyn_artigo/9aadc451f5.pdf). Acesso em: 20 de Janeiro de 2013.

BRASIL, Umbelino. O filme documentário como “documento da verdade”. In: *Olho da História*. N. 1, 2007. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/01ofilme.html>. Acesso em: 14 de Outubro de 2012.

CAMPOS, T.C.de G. Valores educacionais no cinema. Adaptação do livro de Irene Tavares de Sá - *Cinema e Educação*. Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.abn.com.br/cineartigo2valo.html>. Acesso em: 25 de Janeiro de 2013.

FERRO, M. O conhecimento histórico, os filmes e as mídias. In: *Oficina Cinema e História*, 2004. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br>. Acesso em: 24 de Maio de 2013.

FRANCO, M. Você sabe o que foi o I.N.C.E.? In: SETTON, M.G.J. (org.) *A cultura da mídia na escola: Ensaio sobre cinema e educação*. São Paulo: Annablume, USP, 2004.

HESKETH, C.G. & A.S. Neto. *Didática e design instrucional*. Curitiba: IESDE, 2009.312 p.

LANGER, J. *Metodologia para Análises de Estereótipos em Filmes Históricos*. ANPUH, v.2, n.5. 2004. Disponível em: <http://www.anpuh.uepg.br/historiahoje/vol2n5/johnni.html>. Acesso em: 04 mai. 2006. Acesso em: 31 de Março de 2013.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, EPU, 1986.

MACHADO, João Luiz. *Cinema na escola, recurso realmente válido para a educação?* Entrevista à revista Profissão Mestre. 2000. Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=1230>. Acesso em: 01 de Fevereiro de 2013.

MELO, J. M. de; TOSTA, S. P. *Mídia e educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. Coleção Temas & Educação. 111p.

NOVA, C. O Cinema e o Conhecimento da História. In: *O Olho da História: Revista de História Contemporânea*. Salvador, v.2, n. 3. 1998. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br/o3cris.html>. Acesso em: 31 de Maio de 2013.

PINTO, L. O historiador e sua relação com o cinema. In: *Oficina Cinema e História*. 2004. Disponível em: <http://www.oohodahistoria.ufba.br>. Acesso em: 24 de Maio de 2013.

ROSENSTONE, R. História em imagens, história em palavras: reflexões sobre as possibilidades de plasmar a história em imagens. In: *O Olho da História: revista de história contemporânea*. Salvador, v.1, n. 5. 1998. p. 105-116.